

## A REPRESENTAÇÃO DOS ETÍOPES NOS MITOS DE MEMNON E ANDRÔMEDA

Cristiano Bispo<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende analisar os discursos e as representações formuladas na mitologia grega sobre os etíopes. No vasto universo mítico grego, analisaremos, principalmente, as narrativas sobre o rei etíope Memnon e Andrômeda, filha de Cefeu, rei da Etiópia.

**Palavras-chave:** Etíopes, Representação Social e Mitologia.

Quando os ictiógrafos chegaram de elefantina Câmises os mandou à Etiópia, devidamente instruídos a respeito do que deveriam dizer, e levando como presentes um manto de púrpura, um colar constituído de argolas de ouro, braceletes, uma caixa de alabastro com incenso e uma jarra de argila com vinho de palmeira. Segundo consta, os etíopes aos quais Câmises mandou tais presentes são os mais altos e belos de todos os homens. Seus costumes diferem dos de outros povos, especialmente os relativos à realeza; eles julgam dignos de ser seu rei o concidadão considerado mais alto e cuja força seja proporcional sua estatura (...). (Heródoto III – 20)

Os relatos mais antigos, completos e diversificados produzidos sobre a África<sup>2</sup> em grego foram descritos pelo viajante Heródoto em sua obra *História*. As narrativas de Heródoto sobre o continente, especialmente nos livros II e III, destacaram as diversidades geográficas e étnicas da região. Nos discursos de Heródoto a África adquiriu cor, som e cheiro. Os sentidos tornaram-se aguçados e o continente tornou-se palpável à imaginação dos helenos que ficavam encantados com as novidades apresentadas pelas longas, caras e arriscadas viagens de Heródoto.

---

<sup>1</sup> - Doutorando Cristiano Pinto de Moraes Bispo – PPGH/UERJ. O desenvolvimento desse artigo contou com o apoio do Programa de Auxílio à Pesquisa da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

<sup>2</sup> - A África na Antigüidade era conhecida como Líbia (Palavra derivada do termo libis, vento austral). A origem da palavra África é imprecisa, havendo três explicações habituais para a definição do termo, a saber: 1) Os romanos usaram o termo *Africorum terra* (terra dos Afri, singular *Afer*, grupo nômade que vivia na região de Cartago) para designar a parte setentrional do continente; 2) Pode provir da palavra fenícia *Afar* que quer dizer pó; 3) Derivação da palavra *aprica* (solarengo).

As investigações de Heródoto na África pautaram-se no ver e ouvir. Inquiriu testemunhas, observou os espaços visitados e lançou hipóteses explicativas sobre as práticas culturais e sociais de diversos grupos africanos, conforme observamos na seguinte citação:

Os trajes e a égide das imagens de Atenas foram copiados pelos helenos dos líbios, com a única exceção de que os trajes das líbias são em couro e as franjas pendentes de suas égides não são serpenteadas, mas correias; quanto ao resto, seus paramentos são os mesmo. O próprio nome, aliás, já demonstra que os paramentos das estátuas de Palas vêm da Líbia; efetivamente, as líbias põem por cima de suas roupas peles de cabra sem os pelos, guarnecidas de franjas e pintadas com garança, e dessas peles de cabra os helenos tiraram o nome das égides. Na minha opinião foram também os líbios os primeiros a emitir gritos agudos que acompanham as cerimônias religiosas, pois esse uso é muito difundido entre as líbias, e elas são exímias nele. Foi ainda dos líbios que os helenos aprenderam a atrelar quatro cavalos juntos. (HERÓDOTO, IV, 189).

A hipótese lançada por Heródoto sobre os trajes, paramentos e nome da deusa Atena indicam uma relação estreita entre as duas margens do Mediterrâneo. Palas Atena, deusa protetora da cidade de Atenas, dentre muitas designações, é associada ao ofício da guerra. A suposição das origens bélicas de Atena residirem na Líbia talvez esteja sustentada pelas qualidades guerreiras descritas na documentação imagética e textual sobre os líbios e etíopes nos séculos VI e V a.C.

As aproximações entre as divindades helênicas e os africanos são múltiplas e interessantes. Os primeiros documentos textuais que descrevem tais interações foram a Ilíada e a Odisséia.

Os etíopes estiveram nos primeiros relatos míticos sobre a África. Trata-se de uma descrição distante, longínqua, impessoal e atemporal. Segundo Mircea Eliade, *"o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como (...) uma realidade passou a existir (...). É sempre, portanto, a narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser"*. (Eliade, 1986, 11). A atividade criadora do mito conferiu inteligibilidade ao outro, ao etíope, através de uma trama complexa entre gregos e não-gregos.

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. Na obra *Le Mythe de l' Eternel Retour*, Mircea Eliade destacou a principal função do mito que consiste em

revelar os modelos de todos os ritos e atividades humanas significativas. Desta forma, o mito constitui-se como uma narrativa do tempo dos primórdios que revela as atividades criadoras e desvendam a sacralidade do mundo. Um mito, Segundo Mircea Eliade, narra os acontecimentos que se sucederam *in principio*, ou seja, “no começo”, em um instante primordial e atemporal, num lapso de *tempo sagrado*. Esse tempo mítico ou sagrado é qualitativamente diferente do tempo profano, da contínua e irreversível duração na qual está inserida nossa existência cotidiana. Um mito retira o homem do seu tempo individual, cronológico, “histórico”, projetando-o no *Grande Tempo*, em um instante paradoxal que não pode ser medido por não ser constituído por uma duração.

Segundo Jean-Pierre Vernant (2000, 12), o mito se apresenta como um relato vindo de épocas passadas e nesse sentido, o relato mítico não resulta da invenção individual e nem da fantasia criadora, mas da transmissão de valores e da memória de uma sociedade. Portanto, para entender as dinâmicas do mito é necessário entender o contexto de produção e circularidades das práticas narrativas.

As narrativas e contos míticos atravessaram os séculos. Atualmente, ainda são apresentados às novas gerações, todavia, sofrem ajustes e alterações pautados em projetos editoriais que variam conforme o gênero da publicação. Portanto, as narrativas míticas são adequadas aos leitores de determinados contextos históricos e tenta-se obedecer ao núcleo dos mitos.

Por que somos aficionados em assuntos e abordagens míticas? Por que em um mundo que prioriza o conhecimento racional-científico ficamos encantados com histórias de deuses, ninfas, heróis e semideuses? O arquétipo da divindade, em nosso caso o grego, estimulou a formação de práticas e representações de certas qualidades que acompanham o homem da Antiguidade à Contemporaneidade: a ganância, a sagacidade, a fraqueza, a infidelidade, a inveja, a beleza, a inteligência, a morte, a fertilidade entre outros adjetivos. As falibilidades dos seres sobrenaturais e mitológicos servem de consolo para nosso espírito imperfeito e incompleto.

Bem ao contrário desta concepção, encontramos a tradição cristã em que Deus é onipotente, onipresente e infalível. Modelo ideal a ser seguido, onde o objetivo é a redenção e a santidade.

A cientificidade e racionalidade do mundo atual têm convivido o crescente aumento das representações sociais de caráter espiritual e religioso. As incertezas, os

medos, as angústias e as inseguranças promovem o fortalecimento das explicações de caráter místicas e sobrenaturais. Certas explicações religiosas reassumiram o status de verdade, refutando as explicações racional-científicas. Como modelo desse fortalecimento das explicações míticas nas representações sociais contemporâneas, cito um acontecimento que testemunhei em uma Escola Municipal do Rio de Janeiro.

Em uma turma de sexto ano, antiga quinta série, ao se introduzir um assunto que, geralmente, promove um embate sobre os universos mitológicos e científicos, houve grande inquietação.

A origem do homem, assunto comum e obrigatório no currículo escolar, exige certo cuidado ao ser abordado. Cada dia é mais complicado para determinados grupos discutir a Teoria Criacionista e a Teoria Evolucionista. A aula sobre a origem do homem recebeu um toque dramático quando se iniciou a discussão sobre as teorias. A explicação da vertente criacionista ocorreu naturalmente, visto que, os personagens bíblicos (reais ou míticos) Adão e Eva eram cognoscíveis para todo corpo discente. Todavia, o momento da explicação sobre a Teoria Evolucionista provocou reações interessantes. Ao longo do discurso, narizes torceram-se, testas franziram-se, cabeças movimentaram-se em um sentido de negação. Percebi que incomodou grande parte do grupo. Novas estratégias foram criadas e o fio do discurso foi modificado para tornar o assunto menos tenso. Muitos entenderam, mas contrariados. Outros, por sua vez, continuaram descrentes com as propostas sugeridas por um distante e desconhecido Charles Darwin. O grupo mais incomodado foi indagado sobre os motivos da frustração e em suas falas percebemos a grandeza de suas indignações: *“professor, não acredito nessa história de que evoluímos de um mesmo ancestral que os macacos”!* *“Aprendi que somos descendentes de Adão e Eva e não acredito nessa História de evolução”.* *“Está amarrado, professor, em nome de Jesus”!* Alguns alunos ficaram melindrados com a ousadia de se ensinar algo tão herético, ilógico e irracional. A aversão deste pequeno grupo foi tão elevada que alguns se recusaram a aprender um conteúdo tão profano.

Essa história reforça uma discussão que parecia ultrapassada, mas é atualíssima: o mito como representação do mundo. Suponho que não devemos encarar tal situação como um retrocesso, mas compreender os fenômenos sociais que estão presentes nessas práticas.

Dos muitos sentidos e explicações dos fenômenos naturais e sociais atribuídos aos mitos, propomo-nos discutir o mito como construtor de representações sobre os “Outros”, em nosso caso, as formas com as quais os etíopes foram representados nos mitos de Memnon e Andrômeda.

Quando sugerimos a leitura dos mitos gregos sobre os etíopes como um fenômeno de Representação Social, queremos dizer que são

(...) conjuntos dinâmicos (...) teorias ou ciências *sui generis*, destinados a interpretar e dar forma ao real. Elas remetem a (...) um corpus de temas e princípios que apresentam uma unicidade e se aplicam a zonas particulares de existência e de atividade (...) Elas determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores ou das idéias presentes nas visões partilhadas pelos grupos, e regulam, por conseguinte, as condutas duráveis ou admitidas (Moscovici, 1976, 48).

A representação social constitui uma modalidade de conhecimento particular que tem por função entender a elaboração dos comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Assim, a representação social forma um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais.

O conceito de representação social para a Denise Jodelet é *“uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um dado conjunto social.”* (1994, 36). Os mitos enquanto representações de determinadas realidades partilhadas são constituídos de valores que dão sentidos as práticas sociais, normas, condutas e comportamentos. Desta forma, os mitos adquirem um sentido pragmático e seus valores pedagógicos tornam-se hábitos que atravessam gerações.

Os mitos enquanto constituição mental aproxima-se da seguinte definição de representação proposta por Wolfgang Wagner, a saber: *“um conteúdo mental estruturado – cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico – sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social”* (1998, 4).

Além do conteúdo mental estruturado, compartilhado entre os membros de uma comunidade, as representações sociais organizam-se, segundo Jean-Claude Abric, em quatro funções específicas: Saber, Orientação, Identitária e Justificatória.

A Função de Saber é uma condição das representações sociais que permitem compreender, explicar e construir a realidade compartilhada pelos atores sociais. Ela

possibilita que os membros de um grupo tornem um determinado conhecimento assimilável e compreensível por intermédio da comunicação e construções simbólicas que admite a transmissão de certos códigos nas interações sociais.

A segunda função da representação segundo Abric é orientar. A Função de Orientação é o instrumento com que os indivíduos em coletividade guiam ou orientam os comportamentos e as práticas sociais. “*A representação produz um sistema de antecipações e de expectativas, constituindo (...) refletindo a natureza das regras e dos laços sociais, a representação é prescritiva de comportamentos ou de práticas obrigatórias. Ela define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social*”. (ABRIC, 1994, 37).

A Função Identitária define a identidade social e sustentam a especificidade dos grupos. Segundo Abric, “*As representações têm também por função situar os indivíduos e os grupos no campo social (...) compatível com sistemas de normas e de valores social e historicamente determinados.*” (ABRIC, 1994, 37). As representações enquanto função identitária exerce um papel importante no controle coletivo das práticas sociais nos processos de socialização.

Por fim, mas não menos importante, destacamos a Função Justificatória que, segundo Abric, “*permitem justificar a posteriori as tomadas de posição e os comportamentos. (...) a montante da ação as representações desempenham um papel. Mas elas intervêm também na ação, permitindo assim aos atores explicar e justificar suas condutas em uma situação ou em relação aos seus participantes.*” (1994, 37)

Após lançarmos algumas breves reflexões sobre o mito e representação social, dedico-me a partir deste momento a discutir o mito como um discurso criador de sentidos sobre os etíopes.

Os primeiros documentos textuais gregos que citaram os etíopes foram a *Ilíada* e *Odisséia*. Nessas obras, o destaque concedido à Etiópia foi o fato de estar em um local distante, localizado nos confins da terra e, geralmente, recebia visitas dos deuses gregos, conforme observamos nas seguintes citações: “*Zeus e os demais deuses participam de um banquete com os etíopes que teve a duração de 12 dias*” “*Ou “Posêidon, porém, partira para longe, em visita aos etíopes, que vivem nos confins da terra (...)*”. (*Ilíada*, I, 423-25). Essas alusões tornam-se interessantes pelos indícios da presença de comensalidade dos etíopes com deuses gregos. De acordo com a tradição grega, esta comensalidade remete ao ritual da hospitalidade, uma forma de contato entre grupos de

etnias e costumes diferentes, acompanhado das regras de trocas de presentes, estabelecimento de comunicação e compromisso da não-agressão. Abre-se a comunicação dos atenienses com os etíopes pela via sagrada dos deuses. Estabelece-se uma espécie de *Xênia* sagrada, um “contrato” de ajuda mútua, reciprocidade entre grupos étnicos.

Neste contexto pluriétnico, os etíopes são conhecidos como *escatoi andron*, homens dos confins, localizados na extremidade da terra, na fronteira da humanidade, a saber: “*As regiões extremas, que circundam o resto do mundo e o fecham entre si, possuem só coisas que julgamos as mais belas e que são as mais raras*”. (Heródoto, III, 116). Contudo, estar nas regiões mais distantes não era sinônimo de barbárie ou selvageria. Ao contrário, as terras localizadas nos confins eram lugares de fartura e beleza.

As menções sobre a Etiópia como um local remoto não termina em Homero e Heródoto. Também foi objeto de observação de Ésquilo que na Obra Prometeu Acorrentado (1055-1107) proferiu os seguintes comentários sobre a Etiópia: “*há uma região remota onde vive um povo negro perto das águas do sol, nas terras percorridas pelo rio etíope*”. Além das características geográficas, as primeiras referências textuais gregas sobre a Etiópia destacaram a presença dos deuses nestas terras.

A Etiópia era uma região tão distante e remota que os gregos criaram uma origem mitológica para a integração desta região com a Hélade. O elo entre os dois continentes foi traçado pela figura mítica de vários personagens, dentre os quais destacamos Memnon e Andrômeda.

Na mitologia Grega, Memnon é filho de Aurora e Titono. Segundo Hesíodo, “*Aurora pariu Memnon de brônzeo elmo rei dos etíopes*”. (Teogonia, 984-985). Após inúmeras vitórias na Guerra de Tróia, foi derrotado em combate por Aquiles. Aurora recorreu a Zeus e conseguiu a imortalidade do filho. Em seguida, voou para lhe recolher o cadáver e o transportou para a Etiópia. Segundo a tradição, as lágrimas de Aurora são as gotas de orvalho vistas nos campos ao amanhecer. Ao adquirir a imortalidade na Etiópia, Memnon tornou-se o rei dos etíopes.





O virtuoso rei etíope Memnon é representado de maneira ímpar na seguinte ânfora de figuras negras e com fundo vermelho:



Lado A

Lado B

A cena retrata um episódio da Guerra de Tróia. O rei dos etíopes está equipado como um guerreiro hoplita, armado com elmo, escudo redondo e lança. Alto e forte é representado em um plano superior aos etíopes à sua volta (lado A) e em combate contra o inimigo (lado B). A elevada estatura lhe confere destaque em ambas as faces do



vaso. A estatura superior é um diferenciador da realeza na Etiópia, constatada na seguinte citação de Heródoto (III, 20): “(...)Seus costumes diferem dos de outros povos, especialmente os relativos à realeza. Eles julgam dignos de ser seu rei o concidadão considerado mais alto e cuja força seja proporcional sua estatura (...)”.

Os guerreiros que estão ao lado do rei estão equipados equipamentos típicos dos soldados etíopes: bastões e escudos. Visualiza-se uma situação em que os etíopes parecem compor um tipo de guarda, escolta. Suas vestes são simples e leves, propondo maior flexibilidade em combate.

Além do mito de Memnon, outro personagem de destaque na mitologia grega que se refere à Etiópia é Andrômeda, filha de Cassiopéia e Cefeu, rei da Etiópia. Cassiopéia, desejando ser mais bela que todas as Nereides, foi alvo da indignação das mesmas que pediram a Poseidon que as vingasse de tamanha afronta. O Deus dos mares atendeu ao pedido da Nereides e enviou um monstro que assolou a região, trazendo temor e insegurança para os etíopes.

Cefeu, interessado em livrar seu reino de tal castigo, consultou o Oráculo de Amón que sugeriu o sacrifício de sua filha, Andrômeda, para conseguir livrar-se do monstro que aterrorizava a Etiópia. Os etíopes, ao saber das previsões do oráculo, forçaram Cefeu a sacrificar sua filha. Sem alternativa, o rei autorizou o ritual e a jovem Andrômeda foi presa em um rochedo.

Vejamos a representação desta cena na seguinte Hídria, datada de 440 a.C.



**Lado A**

**Lado B**

A cena descrita na Hydria mostra a preparação para o sacrifício de Andrômeda. A imagem representa muitas etapas da preparação do ritual. No lado A, observa-se três etíopes com objetos que remetem a preparação de um banho ritualístico para purificação do corpo que será entregue em sacrifício. No recorte do lado B, no canto direito, três etíopes preparam o local com estacas para prender Andrômeda para a conclusão do sacrifício. Ainda no lado B do vaso, Andrômeda está amparada por dois etíopes. Supomos que sejam jovens pela estatura menor que foram representados em relação aos demais integrantes da cena. Os oito etíopes representados na imagem com Andrômeda apresentam cabelos enrolados, narinas e queixo largos, características constantes nas imagens produzidas sobre os etíopes nos séculos VI e V a. C.

Andrômeda, de acordo com a mitologia, foi salva da morte por Perseus que no regresso de sua expedição contra Gorgo, apaixonou-se pela princesa etíope. Perseus entrou em acordo com Cefeu para salvar sua filha que consentiu a mão de Andrômeda para o herói grego.

Nas narrativas e imagens mitológicas de Memnon e Andrômeda observamos as funcionalidades sociais do mito enquanto reconhecimento de outros grupos étnicos que não faziam parte do universo helênico. Esse complexo exercício de comunicação e construção simbólica permitiu o reconhecimento e compreensão sobre o “Outro”. A Função de Saber possibilita que essas narrativas adquiram inteligibilidade e sejam compartilhadas.

Esse saber compartilhado entre os helenos sobre os etíopes serviram de orientação para as práticas sociais. O etíope assumiu uma forma, um rosto, um lugar. Por mais que os conhecimentos sobre a África fossem limitados, as produções mitológicas e imagéticas eram compartilhadas e produzidas em concordâncias com certos padrões estéticos e visuais. Portanto, acreditamos que os mitos de Memnon e Andrômeda contribuíram para a manutenção e demarcação das fronteiras étnicas entre os helenos e os etíopes. A função identitária dos mitos é uma demonstração da funcionalidade de uma representação que atribui um sentido específico e determinado

ao “Outro”, ao diferente.

## REFERÊNCIAS:

### DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

ESQUILO. *Prometeu acorrentado*. Trad. Mario da Gama Cury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

HERÓDOTO, *História*. Trad. de Mário da gama Kury. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1998.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. João Torrano. 3º ed. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1995.

HOMÉRE. *Iliade*, Paris: société d'édition, 1965.

\_\_\_\_\_. *A Odisséia*, Paris: société d'édition, 1965.

### IMAGENS

**Figura 1.** Aurora segura Memnon após derrota contra Aquiles. Coleção: Louvre. Data: 490–480 a.C.

**Figura 2.** Ânfora de figuras negras com Memnon e dois guerreiros etíopes. Coleção: British Museum. Data: 540 a 530 a C. Pintor: Atribuído ao pintor Exekias.

**Figura 3.** Preparação do banho de Andrômeda. Coleção: British Museum. Forma: Hydria. Data: 440 a C. Região: Etrúria. Pintor: Atribuído ao grupo de polygnotos.

### BIBLIOGRAFIA:

ABRIC, Jean-Claude,. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

BURKET, Walter. *Mito e mitologia*. Edições 70, Lisboa, 1991.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: perspectiva, 2005

\_\_\_\_\_. *O mito do eterno retorno*. Edições 70, Lisboa. 1986.

CAMPBELL, Joseph. *A Imagem Mítica*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. Perspectiva, São Paulo, 1972.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Perspectiva, São Paulo, 1972.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JODELET, Denise. *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2001.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Representação social da Psicanálise*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *La Psychanalyse son image et son publique*. Paris: PUF, 1976

SOUSA, de Eudoro. *História e Mito*. Brasília: Ed. UnB. 1981.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1999.

\_\_\_\_\_. *O universo, Os Deuses, Os Homens*. São Paulo : Cia Letras, 2000.

WAGNER, Wolfgang. *Representações sociais: Gênese, estrutura e relações*. In: MOREIRA, A.S.P. e Oliveira, D.C. de. (orgs.) *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB, 1998.

